

Encontro Nacional contra o Assédio Moral e Sexual e em Defesa da Saúde Mental dos(as) Trabalhadores(as) das Instituições Federais e Estaduais de Educação , da FASUBRA em Brasília.

Nos dias 26 e 27 de setembro de 2025 aconteceu no auditório do Centro de Engenharias da Universidade de Brasília (UnB), em Brasília -DF o **Encontro Nacional contra o Assédio Moral e Sexual e em Defesa da Saúde Mental dos(as) Trabalhadores(as) das Instituições Federais e Estaduais de Educação** , o qual reuniu dirigentes e representantes de entidades sindicais das Instituições Federais de Ensino Superior, como também pesquisadores e trabalhadores para aprender e discutir sobre estratégias de enfrentamento aos assédios e violências nas instituições de ensino.

As coordenadoras gerais Ivanilda Reis, Loiva Chansis e Rosângela Costa (representando Cristina del Papa no evento) e os coordenadores de Políticas Sociais e Gênero, Maristela Cabral e Fernando Borges participaram da mesa de abertura.

Todos os participantes da mesa destacaram a importância do encontro para a construção coletiva, por meio do debate, de mais democracia e saúde nos ambientes de trabalho. Numa perspectiva racial e de gênero, foi destacado que as lutas precisam ser unificadas para garantir um ambiente saudável, e que ninguém deve adoecer por ser militante. Pontuou-se também que o encontro tem caráter formativo: um espaço de escuta, aprendizado e construção coletiva entre os colegas, entidades e instituições.

No primeiro dia houve uma palestra com a colega Olívia Tavares, IFRS - Canoas e também com Meyriellem Pereira Valentim, especialista em saúde do trabalhador. Meyriellem aponta que, em muitos lugares o assédio está na estrutura da gestão, portanto é a cultura institucional que necessita ser transformada. “Não é um desvio individual, mas algo tramado na própria cultura institucional, que normaliza práticas de humilhação, discriminação e exclusão”, explicou Olívia Tavares. Práticas de racismo, intolerância religiosa, discriminações de gênero se relacionam intimamente com práticas assediosas.

O espaço foi aberto para que as pessoas no plenário pudessem tirar dúvidas com os palestrantes e também apresentar questões pertinentes ao tema.

As palestras seguiram com caráter formativo e dados foram apresentados sobre os impactos do assédio nas relações de trabalho, e na saúde mental dos trabalhadores, gerando adoecimentos, afastamentos e por fim, o assédio cometido e sofrido se volta contra a própria instituição.

Bianca Zupirolli e Nelson Aleixo apresentaram suas falas no turno da tarde, chamando a atenção para a questão de que o assédio é causa de sofrimento e adoecimento físico e psíquico, que compromete a dignidade do indivíduo e também a produtividade das

instituições, e pontuou dados de que os principais transtornos observados no servidores públicos são burnout, depressão e ansiedade.

O estresse crônico, segundo a palestrante Bianca, que é prolongado, é o menos perceptível e é perigoso. Os servidores adoecem, são removidos ou exonerados e as instituições de ensino acabam perdendo talentos.

Foi consenso entre os participantes de que o assédio moral e sexual precisa ser visibilizado, denunciado, e que os sindicatos tem um papel importante nisto. Reiterou-se em várias falar de que o enfrentamento deve ser coletivo, e o assédio desnaturalizado. Trata-se de uma prática cultural que precisa ser enfrentada, segundo Nelson Aleixo da Silva Júnior, um dos palestrantes convidados.

Nesse Encontro, embora tenha sido dedicado um momento específico para relatos dos representantes sindicais ali presentes, a quase totalidade dos questionamentos abertos aos debatedores foi preenchida com relatos pessoais de assédios e violências laborais sofridas pelos servidores, contando com situações envolvendo todos os níveis de relações de trabalho dentro das instituições de ensino, tendo como protagonistas o corpo de técnicos, docentes, discentes e pessoal terceirizado, demonstrando a grande amplitude e a multiplicidade de formatos em que esses assédios se configuram nesses ambientes.

O adoecimento psíquico, o sofrimento emocional e a falta de estrutura de apoio a quem sofre o assédio moral e sexual é colocado também como fonte principal de morte, afastamentos, aposentadorias prematuras e pedidos de exoneração dos servidores.

Ainda foi colocado como item de discussão a falta de registro dessas ocorrências e sua inclusão em um banco de dados dos sindicatos e organizações de servidores, o que cria uma imagem distorcida da dimensão e do impacto que essas ocorrências têm sobre o serviço público como um todo.

Situações difíceis como a dos Hospitais Universitários e os servidores que muitas vezes são mantidos em um limbo organizacional, no qual são assediados por chefias que não respondem à esfera pública a qual o servidor está lotado e que tem dificuldades de procurar o apoio jurídico necessário para solucionar os problemas advindos desse esquema gerencial “híbrido” acabam criando um sentimento de impotência no servidor que acaba por não buscar sua organização sindical por entender que não surtirá efeitos e ainda pior, poderá sofrer represálias.

Participaram do encontro, representando a ASSUFRGS Mariana Sosnowski e Marco Alexandre Silva da Silva, integrantes da coordenação atual da ASSUFRGS.